

URIAÚNA, “TERRA DOS SACERDOTES E DOS MÚSICOS”: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES

Maria dos Remédios da Silva *

Introdução

O presente trabalho faz parte da pesquisa realizada sobre a cidade de Uiraúna vista como “terra dos sacerdotes e dos músicos”. Localizada no alto sertão paraibano – região semiárida a Oeste do Estado da Paraíba e incluída na microrregião da cidade de Cajazeiras (PB). Cujas pesquisas estão veiculadas ao curso de Especialização em História do Semiárido Nordeste na vigência 2009/2011, UFCG/CFP.

O objetivo foi o de estudar como a cidade de Uiraúna foi se constituindo enquanto representação discursiva de uma “Uiraúna dos Sacerdotes e dos Músicos: discursos e representações”, especificamente a partir dos anos de 1970. Buscou compreender como adveio a construção desta imagem e, até que ponto os discursos de uiraunenses mantêm válido esta tão mencionada “terra dos sacerdotes e dos músicos”, de modo que ajude a legitimar uma característica vista como peculiar de Uiraúna.

Por conseguinte, o grupo de indivíduos proferidores dos discursos da referida alcunha são pessoas ligadas ao Poder Público Municipal, familiares de padres e ex-padres, e, pessoas que são músicos ou são familiares de ex-músicos. Que discorrem sobre Uiraúna, o sacerdócio e a música.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido por meio da realização de entrevistas com dois uiraunenses, a saber: a senhora ex-professora e vereadora Maria Joaquina Vieira¹, família de padres e ex-padres, autora do projeto para a criação da Bandeira Municipal, que auxiliou na legitimação da cidade de Uiraúna como: “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos”; também autora de diversos relatos contidos na “Revista Uiraúna”, edições diversas e na revista Leia FELC (Fundação Educacional Lica Claudino)². E com o senhor José Gomes³, que teve como

* Especialista em História do Semiárido Nordeste pela Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UACS. E-mail: remédios.una@bol.com.br. Tendo como orientadora do trabalho monográfico, a historiadora e professora: Ms. Viviane Gomes de Ceballos, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UFCG/CFP. E-mail: ygceballos@cfp.ufcg.edu.br

¹ Nos anos de 1970 era Supervisora das escolas estaduais de Uiraúna e Secretária da Educação Municipal da mesma cidade.

² Revistas de memória institucionalizada sobre a cidade de Uiraúna (PB).

foco principal a sua vivência na cidade já citada como músico, maestro, vereador e vice-prefeito. Ambos na perspectiva dos discursos e representações de uma “Uiraúna do Sacerdócio e da Música”.

Além das entrevistas, fizeram parte da leitura empírica, os treze primeiros livros de Ata da Câmara Municipal de Uiraúna (1955-1987); o livro de tomo nº 01 da Diocese de Cajazeiras (1923-1984); os livros de tomo nº: 01 (1923-1965) e 02 (1970-1984) da Paróquia de Uiraúna: Sagrada Família Jesus, Maria e José, ente outros documentos.

No que diz respeito aos instrumentos de coleta, organização e análise de dados, as atividades que compuseram toda a etapa exploratória foram desempenhadas por meio de leitura teórico-metodológica e reflexões associadas sobre questões relacionadas à representação discursiva e à análise de discurso referente à cidade de “Uiraúna, Terra dos Sacerdotes e dos Músicos: discursos e representações”. Cujos suporte teórico-metodológico permitiu compreender os discursos veiculados nas entrevistas e nos documentos pesquisados, as intencionalidades e conveniências esclarecidas pelos mesmos/nos mesmos.

De acordo com Foucault (1999), procurou-se compreender os discursos dos uiraunenses veiculados nos documentos e nas entrevistas realizadas, como uma prática social que procede da formação de saberes, como um lugar em que poder e saber se articulam para construir verdades e identidades a partir de uma dada realidade. Pois, nos discursos o dizer não é uma “coisa” particular do indivíduo. Uma vez que a “coisa dita” se torna outra por ter sido falada por outras pessoas em ocasião diferente. Logo, os dizeres conectados com palavras têm historicidade e sentidos construídos.

Buscou-se aprofundar nessas discussões em relação a seu poder de afirmação, legitimação, construção de domínios de artefatos e de reunião de conexão de forças como ponto de cruzamento entre poder e saber. Além disso, partimos da ideia de que os discursos materializados nos textos, nas entrevistas e, em síntese, no campo da linguagem produzem sentidos diversos e mostram a posição que os sujeitos sociais ocupam nas relações de saber/poder.

Também, através das idéias de Certeau (1994), olhamos para a cidade de Uiraúna, a partir de suas particularidades, mergulhando no seu cotidiano percebemos as práticas de seus moradores, as estratégias de sobrevivência, os discursos de seus cidadãos associando-a como uma “Uiraúna do Sacerdócio e da Música”.

³ Conhecido por Dedé de Capitão (94 anos) foi músico a partir de 13 anos de idade (1930-2000) e maestro da Banda de Música Jesus Maria e José desde os anos de 1957 a 2000.

Na perspectiva de Sandra Pesavento (1999), afirmou-se que a cidade é um elemento visto por diversos olhares, daqueles que de qualquer forma estão ligados a ela ou vivem nela. Tendo em vista que a cidade é impregnada de significações acumuladas através do tempo, em que o sentido atribuído a mesma diferencia para cada realidade. Diante de tantos pontos de vista e modos de vê-la, também afirmamos que a cidade é uma representação de seus habitantes, da coletividade que a produz. Ela é fruto da ação desta sociedade e ao mesmo tempo produtora da mesma.

Aspectos considerados essenciais nortearam o desenvolvimento desse estudo, a que se refere às representações discursivas, as práticas sociais, os diversos modos de ver a cidade de Uiraúna permitiu analisar que os discursos sobre a mesma não podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos.

A que Resultado e Discussão se chegou

O assunto estudado proporcionou questionamentos diversos: por que, por quem e como esta alcunha “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos” atribuída a Uiraúna foi legitimada? Em que época e por quem a mesma tem se constituído? Por que esses discursos aparecem? Quais foram às contribuições que os sacerdotes e os músicos trouxeram para Uiraúna?

Por se colocar como possibilidade de discussão sobre a imagem construída para a cidade de Uiraúna, na tentativa de entender o processo de construção da mesma. Uma discussão que *a priori* nos pareceu simples, possibilitou uma compreensão da construção desta imagem, como a mesma se formou e que interesses estavam por trás desta proposta. Enfim, foi percebida como uma construção histórica sobre a história de Uiraúna. Mostrando como essa elaboração é fruto de uma complicada rede de interesses de indivíduos da cidade, e que é essa disputa que move a atribuição dessa alcunha à cidade.

Pois, os discursos relacionados à Uiraúna do sacerdócio e da música foram justificados pelos uiraunenses, ao terem atribuído a formação de vários padres e o surgimento de diversos músicos como vocação. E que o saber sacerdotal e o saber musical implicaram num certo poder de legitimidade que causa admiração, satisfação, motivo de *status*, reconhecimento entre outros. Desta forma, a partir da prática sacerdotal e musical de vários uiraunenses criou-se a imagem desta cidade banhada de significados representativos e caracterizadores de seus habitantes.

Uiraúna como “Terra dos Sacerdotes” surgiu nos idos dos anos 70 em diante. Nos registros de Atas das sessões do Poder Legislativo desta cidade, ela é mencionada também como “terra do Pe. José de França” (out, 1979, fl.188-189). Mas é ainda neste período que a

cidade de Uiraúna foi simbolicamente pensada, representada e instituída como “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos”.

O *slogan* da Bandeira desta cidade mostra evidências e indícios de outros fragmentos que afirmam e reafirmam a legitimação de uma Uiraúna do sacerdócio e da música ou como berço de onde surgiram muitos padres e músicos.

Em documento arquivado na Secretaria de Educação deste Município de Uiraúna informa que a ideia de criação da Bandeira surgiu da professora e secretária de educação do Município, Maria Joaquina Vieira com o aval do referido Prefeito Antônio Maurílio de Aquino. Para tal fim, foi realizado um concurso nas escolas do Município para a escolha do melhor desenho que o representasse e identificasse-o de acordo com suas peculiaridades, segundo a perspectiva de quem escolheu. Em entrevista com a mesma, ela afirma:

Quando a bandeira de Uiraúna foi criada, eu estava na Prefeitura [riso], (...) Na Prefeitura tinha vários desenhos, várias bandeiras, né? Estava cheia de bandeira lá... Eu era Secretária de Educação. Então, eu (...) criei o projeto e mandei pra Câmara, pra criação da bandeira, do escudo e do hino. Aí então, lá foi Antônio Aquino era, era Antônio Aquino era Prefeito nesta época aí, ele aprovou o projeto. Aí, tirava em 1º lugar o melhor desenho... Tinha um grupo de pessoas pra escolher, mas, eu não lembro quem era pra escolha não. Eu era secretária... O projeto era meu, eu criei o projeto e ajudei uma menina que morava aqui... a desenhar uma bandeira, o final foi ela. Mas ela ganhou (informação verbal).⁴

A Bandeira dos anos 70 foi criada com estas representações, e teve a ajuda da autora do projeto. Além disto, tinha na mesma o mapa da cidade e estrelas que identificavam a quantidade de sacerdote (não há imagem com essas características). Mas a mudança na Bandeira é explicada por analisar que não mais existia o avultado número de padres. A Assessora de Comunicação, Maria do Socorro Pinto⁵ percebeu a necessidade de efetuar algumas mudanças na mesma, seguida de esclarecimentos:

O mapa de Uiraúna, uma vez já contendo o nome de Uiraúna e ainda a Carta Geográfica, que já não seria a mesma, em virtude da criação de novos Municípios: Santarém e Poço Dantas.

As estrelas que representavam os sacerdotes uma vez que existia a inscrição **“BERÇO SACERDOTAL”** e que já não mais seria o mesmo número de sacerdotes, representados pelas respectivas estrelas. Fazendo permanecer na pauta, porém corrigida com 05 linhas paralelas. Acrescentando-se a faixa

⁴ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

⁵ É casada com um dos irmãos de Maria Joaquina Vieira.

com a inscrição da data da independência de Uiraúna, sugestão do vereador Francisco Vieira da Silva.⁶

A partir da análise, o Prefeito João Bosco Nonato Fernandes, encaminhou Ofício à Câmara de Vereadores seguido do “projeto Lei de Nº 15/95 que renovou a bandeira do Município em 24 de novembro 1995”⁷. Concede a mesma, a permanência das cores: azul e branco, cujo projeto foi aprovado por unanimidade. Desta forma o Poder Legislativo e o Poder Executivo pensam essencialmente a cidade de Uiraúna, caracterizando-a no âmbito do sacerdócio e da música. A professora aposentada Maria Joaquina reitera:

Daí, antes de se confeccionar a bandeira, diziam assim, achavam que Uiraúna era Terra dos Sacerdotes e dos Músicos, mas após a confecção passaram afirmar que realmente esta cidade é a Terra dos Sacerdotes e dos Músicos (informação pessoal).⁸

A difusão desta representação que se faz de Uiraúna vincula-se principalmente através de relatos de uiraunenses efetivados a princípio em um informativo do ano de 1993, referente à Uiraúna pela ocasião de seus 40 anos de independência política. Neste informativo é descrito os feitos do primeiro ano de administração do décimo prefeito da cidade Dr. João Bosco Nonato Fernandes⁹. E na última página encontram-se as homenagens feitas à cidade por algumas personalidades uiraunense, dentre elas o referido Prefeito. Enfatizando-a como sua terra natal e identifica-a como terra dos Sacerdotes e também como terra do Padre França.

O Pe. França, considerado fundador da cidade é o mentor da doação de terra para a construção de uma capela da Sagrada Família já erguida no ano de 1867. Apenas a doação de terra nos seus arredores foi concedida e registrada nos anos de 1874 contribuindo assim para o desenvolvimento da localidade.

Uiraúna também é denominada discursivamente como terra do Pe. França pelo fato dele ter sido mentor da doação de terra e também o primeiro Capelão deste povo no século XIX.

Em 1934, a visita empreendia as paróquias diocesanas pelo novo Bispo D. João da Mata Andrade de Amaral, lhe fez perceber a necessidade de investir em trabalhos que despertasse nos jovens a “vocação sacerdotal”. Iniciando pela paróquia de São José de Piranhas e terminando pela paróquia de Belém, ele percebeu que a Diocese dispunha de um pequeno

⁶ Fonte: documento de uso interno da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto da cidade de Uiraúna/PB, 14 de jul. de 2003, p. 10.

⁷ Ibid.

⁸ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

⁹ Foi Prefeito de Uiraúna durante três mandatos, a saber: 1993 a 1996; 2001 a 2004 e 2005 a 2008. Não podendo reeleger-se apoiou a candidatura de Dr^a Glória Geane, Prefeita atual.

número de sacerdotes para o trabalho da igreja. A falta de sacerdotes passou a ser naquele momento, um grande problema a ser solucionado. Então, a princípio o Bispo idealizou a criação da Obra das Vocações Sacerdotais em todas as paróquias da Diocese. Esse plano foi traçado na ocasião do retiro espiritual de 1935 na cidade de Cajazeiras. Em todas as paróquias foi reforçada a idéia da “vocação sacerdotal”, tendo como suporte inicial a instituição da “Semana da Vocação” com vista a solucionar a falta de sacerdotes e isto era visto como “algo” atormentador:

O problema de escassez de Clero é por demais atormentador e o excia. Sr. Bispo tencionava alma para ele os cristãos da católica, sobretudo com famílias em cujo ambiente cristão nasce o incentivo de desenvolver a vocação sacerdotal. (...) Em todas as paróquias (...) o palpitante assunto das Vocações Sacerdotais, era de sentir a facilitar a solução do problema e despertar a atenção dos fiéis para a alta dignidade da vocação católica.¹⁰

Diante disto, evidencia-se a existência de todo um contexto religioso em que o jovem sentia-se motivado para que desabrochasse o desejo pela “vocação sacerdotal”. Se o acesso a educação era restrito, o ensino que se oferecia nas cidades, a maioria em colégios privados era pertencente à Igreja católica. Para o seminário iam aqueles jovens com “vocação sacerdotal”.

Neste contexto, o uiraunense Antônio Batista da Silva Neto, ao escrever na “Revista Uiraúna” em 2003, argumenta que na referida cidade de Uiraúna se estruturou uma sociedade de aspecto patriarcal forjada num sentimento de fé e religiosidade, onde, *a priori*, tudo girava em volta da figura do padre. Em sua experiência, Antônio Batista ainda diz que o padre era uma figura mista de representante de Deus e de oráculo em todos os anseios da vida política, social e intelectual do povo de Uiraúna, quando era a antiga Povoação de Belém, depois Vila Canaã e consecutivamente Uiraúna. Assim ele fala da “vocação sacerdotal” enquanto anseio mais forte por parte da família do que do jovem.

(...) desde os primórdios, vamos encontrar o pensamento quase generalizado de que a única carreira que atendia aos anseios de nossas famílias era o sacerdócio. E a situação era tal que quando o seminarista manifestava o desejo de abraçar outra vocação, as mais das vezes, se sentia cortado do seu desideratum, (...) E o resultado dessa concepção, até certo ponto censurável, é que essa orientação subestimou as demais profissões, como se todo trabalho não recebesse as bênçãos de Deus (NETO, 2003, p. 13).

¹⁰ Ver Livro de Tombo nº 1, 1923, fl. 24. Diocese de Cajazeiras (PB).

Este discurso mostra um pouco do porque de tantos jovens seguirem a vida eclesiástica, persistindo aproximadamente até os anos 60. O mesmo autor afirma que pós os anos 60, os jovens uiraunenses tiveram novas oportunidades e encheram os colégios oficiais e educandários que ofereciam aos mesmos, novas perspectivas sociais e de outras vias profissionais. Entre os uiraunenses desenvolveu-se uma mentalidade universitária que evolui cada vez mais, e isto devido à visão dos acadêmicos, ao progresso científico e tecnológico do mundo moderno.

Essas desistências pelo ideal sacerdotal são perceptíveis nas palavras de Maria Joaquina Vieira, família de vários padres oriundos do Distrito de Quixaba. A mesma relatando sobre o sacerdócio faz um paralelo entre os dias atuais e o período que muitos jovens “iam ser padre”:

Agora pra ser padre, se não for por vocação não vai não. A vocação é um chamado de Deus. Olha naquele tempo, eu só estudei em colégio de freira... Naquele tempo muitos jovens iam ser padre, mas agora não sai mais nenhum (informação verbal).¹¹

Uma vez que neste Município não tem mais jovens ingressando no caminho do sacerdócio, o que se pode observar são: as lembranças de outrora vivenciadas pelos uiraunenses que vem acompanhando as mudanças em todos os aspectos da sociedade. Especificamente de Uiraúna, associando-a como parte de uma sociedade que vive segundo os parâmetros do mundo globalizado.

Ao lado da vocação sacerdotal surgiu a vocação musical como forma dinamizadora dos momentos festivos, das comemorações religiosas, políticas e sociais da sociedade uiraunense. Uma vez que a cidade de Uiraúna também é representada como uma “Uiraúna da Música” aparece desde a criação da Bandeira deste Município que mostra indícios desta alcunha. (ver a clave de sol representada ao centro da bandeira). Cujo reconhecimento à música é também registrado na Revista Uiraúna (2003) por Maria Joaquina Vieira admitindo “afeto a repercussão sonora e harmoniosa da Música que tem dado a nossa Terra, ao Estado e ao Brasil grandes músicos” (VIEIRA, 2003, p. 48). A mesma uiraunense demonstra amor ao som da música desta cidade, procedente de longos anos. Constituindo o centro das atenções da criança ao ancião, fazendo brotar “vários grupos musicais, fanfarras, quartetos e afins, todos regidos por músicos de nossa querida Banda de Música Jesus Maria e José” (VIEIRA, 2009, p. 7).

¹¹ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

Segundo os diversos relatos, a melodia musical teve início quando Uiraúna ainda era Belém, mais precisamente no ano de 1914, com criação da primeira banda de música deste povoado pelo empenho do fundador Padre Costa bem como a colaboração financeira de alguns uiraunenses para comprar os instrumentos musicais.

Além do fundador e de dois músicos uiraunense, soma-se a este empreendimento, a ideia de criação da banda por quatro músicos advindos do Estado do Ceará, especificamente da cidade de Missão Velha, por motivo de uma turbulenta rebelião de cunho político ocorrida naquela região cearense: Raimundo Sá, que foi o primeiro maestro da banda, tocava clarinete; Luis Barreto tocava o instrumento chamado pistom e foi o segundo maestro; por sua vez José Brígido tocava trombone e José Passos tocava bombardino.

De posse de seus instrumentos musicais, os quatro músicos propuseram ao Padre Costa a formação de uma banda de música, pois os mesmos estavam à procura de algum ganho e apresentaram a idéia de ensinar música aos uiraunenses. O Padre Cônego Manoel Vieira da Costa apoiou esta ideia com bastante entusiasmo. Juntamente com outros músicos da comunidade formaram a Banda “Costa Correia” (REVISTA UIRAÚNA, 2003, p. 23). Esta banda de música funcionou consecutivamente até o ano de 1927 tendo como um dos motivos, a volta dos cearenses. Mas, o maestro Dedé de Capitão informa outros motivos que contribuíram para a extinção da “Banda Costa Correia”:

(...) essa Banda aí foi fundada em 1914, quando foi em 1927 extinguiu, acabou-se a Banda. Agora eu vou lhe dizer o motivo: naquela época só podia ser músico, jovem, solteiro. Os jovens iam se casando e iam deixando a Banda, e quando foi em 1927 a banda parou. Eu não sei por que, porque não tinha renda, né? Não podiam fazer parte... Ia deixando, até que acabou-se a Banda (informação verbal).¹²

Além da volta dos músicos cearenses a sua terra natal, o ex-maestro Dedé de Capitão aponta outros motivos dos quais se destaca a regra imposta: só poderia ser músico se o indivíduo fosse solteiro; os jovens iam se casando e outros não assumiam a função. Outro motivo era a ausência de renda, visto que o apoio financeiro por parte da Igreja Jesus, Maria e José era insuficiente. Considerando que a imposição do pároco Pe. Costa dificultava o ingresso de outras pessoas à banda.

Por quase três anos esta banda ficou desativada, porém, no ano de 1930 o novo pároco Padre Antônio Anacleto de Andrade proporcionou a reativação da mesma que mais uma vez permaneceu vinculada à Igreja. A partir da restauração, o referido Padre denominou a banda

¹² Dedé de Capitão, 2011. Entrevista original e transcrita. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

de “Banda de Música Jesus Maria José”¹³. A qual continuou a ser amparada e comandada pela Igreja local de mesmo nome, até a primeira metade dos anos 70.

A influência do saber musical desta cidade faz com que a mesma ganhe respaldo de uma “Uiraúna da Música”, em que músicos uiraunenses defendem a ideia de ser puramente êxito vocacional que os filhos da mesma têm:

Nós uiraunenses, temos um privilégio ímpar. Não precisamos recorrer ao passado, (...), para decifrar nossa história, somos agradecidos todos os dias ininterruptamente por um dom que reside nos lares das famílias uiraunenses. O dom MUSICAL é algo extraordinário em nossas vidas. (REVISTA UIRAÚNA, 2009, p. 07).

Trecho do relato nomeado: “*Por que Uiraúna é a Terra dos Músicos?*”, escrito pelos músicos: Geraldo Moisés Junior (filho do atual maestro: Geraldo Moisés) e Cláudio Marcio Fernandes, membros da Banda de Música “Jesus Maria e José”. Se nesta cidade, ser músico é “dom”, porque esses músicos necessitam de professor de música, de escola voltada para a música? Remuneração? Onde estão os incentivos? Onde fica o apoio da Paróquia local, da sociedade, do Poder Público Municipal?

As leituras empreendidas nos livros de Ata (1955) pertencentes ao Legislativo local mostram que já havia desde 1955 uma preocupação do Poder Executivo para ajudar esta Banda de Música Jesus Maria e José. Isto acontece durante a primeira reunião ordinária do Poder Legislativo: “Casa Olinto Pinheiro” em que se observa a citação de vários Projetos Leis do Poder Executivo a serem votados pelo Poder Legislativo. O sexto projeto se refere à concessão de “auxílio à Banda de Música local para aquisição de fardamentos, etc ...” [sic] (ATA nº 02, 12/12/ 1955, fl.02). Esse projeto foi aprovado por unanimidade de voto em primeira discussão.

Os anos se passaram e após quase cinco anos aparece um Projeto Lei de responsabilidade do vereador João Caboclo de Sá que abre “um crédito especial de Cr\$ 20.000.00 para aquisição de um fardamento da banda de Música Local” (ATA nº16, 14/ 06/ 1960, fl. 34). Novamente houve aprovação dos demais vereadores. Deste modo, a colaboração que a sociedade concedia à Igreja local para manter e suprir as necessidades da Banda era insuficiente. Por outro lado, a ajuda concedida pela sociedade em prol do funcionamento da Banda representava o valor que a mesma tinha para a sociedade e para os integrantes significava também mais um incentivo de obter certa quantia em dinheiro.

¹³ Fonte: documento de uso interno da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto da cidade de Uiraúna/PB. 14 de jul. de 2003, p. 10.

As pesquisas mostram que as melhorias ocorreram paulatinamente. Ainda nos anos 80 esta Banda de Música foi assunto enfatizado na Câmara Legislativa: “Casa Olinto Pinheiro”, na expectativa de conseguir recursos financeiros para seus integrantes. Neste período Uiraúna já possuía duas Bandas de Músicas: Jesus Maria e José e 02 de Dezembro.

Os maestros Dedé de Capitão e Ariosvaldo Fernandes (maestro da segunda banda) foram a Sessão Ordinária “reivindicar aumento de salário para a classe” (ATA nº 26, 05/11/1987, fl. 195). Estando também presente o músico e professor Xavier Fernandes (filho do maestro Ariosvaldo Fernandes) que expôs o seguinte discurso:

Como todos os uiraunenses sabem e sentem o valor de nossas Bandas de músicas e de nossos músicos, não só aqui, mas toda a região e Estados vizinhos, e que a mesma estava passando por sérias dificuldades por não ser bem remunerados, chegando a se dispersar vários músicos para outras cidades, como temos o exemplo de 05 deles que estão residindo em Ararapina – Pernambuco, onde lá o Sr. Prefeito Municipal dá melhores condições de vida para os mesmos e a fim de que não saiam outros, vem encarecidamente pedir em nome de seus companheiros músicos, o apoio, a solidariedade dos vereadores que juntos possam reivindicar melhor salário ao Sr. Prefeito, Dr. Geraldo de N. A, a fim de que possam permanecer na nossa terra e continuem abrilhantando com o som do Dolbrado os nossos conterrâneos e a nossa cidade (ATA nº26, 1987, fl. 195).

Os músicos já estavam recebendo uma remuneração da Prefeitura Municipal de Uiraúna e no momento queriam aumento salarial. Mediante este discurso fica esclarecido que diante da facilidade que muitos uiraunenses tinham em aprender música, estava o incentivo financeiro. Para os que tinham a oportunidade de ingressar na banda como músico estava com o emprego ou ganho garantido em meio a muitos uiraunenses sem trabalho remunerado ou até mesmo sem uma fonte de renda para sobreviver. Também se evidencia claramente que nos anos 80 os músicos uiraunenses estavam buscando alternativas de sobrevivência em outras regiões. Nesta visita ao Poder Legislativo os maestros e músicos visavam o apoio dos vereadores para que conseguissem do Prefeito melhoria salarial.

Em seguida, há o registro do apoio solidário dos integrantes do Legislativo em prol dos músicos e, rapidamente o problema foi moderado, na reunião seguinte o vereador José Jailsom Nogueira – Presidente da Câmara Legislativa: “Casa Olinto Pinheiro” informou aos companheiros que após conversa com o Prefeito Dr. Geraldo Nogueira de Almeida¹⁴ ficou sabendo que o aumento salarial ia variar de “50 a 110 por cento para todos os funcionários

¹⁴ Prefeito de Uiraúna durante dois mandatos, o primeiro mandato de 1983 a 1988 e o segundo de 1997 a 2000.

exceto os dos músicos que chegou até 400%; sendo que cada músico vai receber CR\$ 600,00 e os maestros CR\$ 1.000,00 (um mil cruzados) [sic] (ATA nº 29, 13/ 11/ 1987, fl. 197).

Fica explícito o grande diferencial do aumento salarial dos maestros e dos músicos em relação aos outros funcionários. Este incentivo também favorece o aumento do número de indivíduos interessar-se por música, visto que o salário do músico era satisfatório se comparar com os demais funcionários.

Os músicos estavam nesta época constituindo uma representatividade de um relevante saber musical e ao mesmo tempo constituíam também num poder, uma prática que precisava ser mais valorizada pelas instâncias dos poderes: Legislativo e Executivo. Enquanto que o número de jovens voltado ao sacerdócio era insignificativo. Todavia, como já foi mencionado, as representações discursivas relacionadas à Uiraúna como “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos” está atrelada a práticas sociais de afirmação, de legitimação de um saber/poder.

Conclusão

Conforme vimos ao longo deste estudo, a imagem construída para a cidade de Uiraúna, no tocante as representações discursivas de uma “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos” estão associadas principalmente a legitimação e aos discursos de uiraunenses.

Verificamos também que um considerado número de padres uiraunenses de outrora advinha dentre outros argumentos, do “valor” que os pais de família projetavam na figura do padre. As famílias incentivavam os filhos seguirem o sacerdócio mostrando que “ser padre era uma coisa boa” (informação verbal).¹⁵ Além disso, a família do padre era vista pela sociedade uiraunense como: “uma família santa, família nobre” (informação verbal).¹⁶ Acrescenta-se a isso as articulações oriundas dos representantes da Igreja Católica na pessoa do pároco local, principalmente o Pe. Antônio Anacleto considerando como um grande incentivador da vocação sacerdotal.

Por sua vez, a cidade foi se constituindo discursivamente como uma “Uiraúna do Sacerdote” e também como uma “Uiraúna da Música”. Estas representações ganharam legitimidade nos anos 70, época em que o Poder Público Municipal decidiu criar os símbolos que representassem as peculiaridades municipais. Desta feita, a Bandeira municipal foi criada com o *slogan* mostrando esta cidade como “Berço Sacerdotal” e indício sinalizador da musicalidade marcado por uma “clave de sol”.

¹⁵ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

¹⁶ Ibid.

Constata-se também que a “vocação sacerdotal e a vocação musical” desabrochadas nos uiraunenses, são atribuições constituídas ao longo dos anos numa dada realidade. O que não tem nada a ver com dom ou com algo inato, mas, que fazem parte de todo um contexto político, econômico, religioso, cultural, familiar, etc. permeados de interesses afins e das influências entre famílias. Tudo isto relacionado a reprodução do *habitus*, imputada a vivência cotidiana, em que se percebe os comportamentos, as ações dos sujeitos, as influências e as relações de concorrências, bem como o acesso a capitais culturais.

Observa-se que a maioria dos indivíduos participantes da “Revista Uiraúna” procuram sempre manter válidos os discursos e representações de uma “Uiraúna dos Sacerdotes e dos Músicos” por questão particular. Temos visto por exemplo, a atuação da atual vereadora Maria Joaquina constrói o discurso sobre Uiraúna relacionando-a ao padre e ao músico.

Podemos destacar ainda dois aspectos evidenciados mediante a entrevista com a mesma: ela é família de padres e fica satisfeita com essas construções sobre Uiraúna:

Lá na Quixaba era demais... Lá a tradição religiosa era forte (...). Depois quando vai vindo aquela geração... Aí vai mudando, vai casando com outras pessoas diferentes, né? (...) Uiraúna, a base de Uiraúna nasceu na Quixaba. Porque foi lá na Quixaba que nasceu 38 padres, todos da família da gente. Tinha um padre que era tio legítimo de minha mãe era Cônego Bernardino... Tem até a estátua dele em Ingá. Aí tinha Cônego Oriel..., o, o, o pai dele era irmão do meu avô. Eu por ser família de padres, fico gratificante, quando dizem que Uiraúna é a Terra dos Sacerdotes. Ter uma terra, como se diz, que se chama de Sacerdote, né? Sacerdote é exemplo, não é? Esta cidade não teve outras representações como terra dos sacerdotes e dos músicos (informação verbal, Ibid).

O Padre¹⁷ Cônego Bernadino Vieira da Silva, nasceu no sítio Quixaba (atual distrito) no ano de 1873, já o cônego Oriel Antônio Fernandes nasceu em 1911 no mesmo sítio. Ordenou-se em 1938 foi pároco nesta cidade e colaborador em Patos e em Cajazeiras. Outro aspecto é a conservação dos símbolos: escudo e bandeira de Uiraúna que teve sua participação efetiva. A mesma não aceita mudar as características que ela considera como principais da cidade:

Na administração de Dr. João Bosco, Socorro Pinto, ela achou que a bandeira precisava ser modificada, devia haver reforma. Então, eu preparei uma réplica, porque se fosse modificar totalmente a bandeira... aí eu ia bater em cima. Mas não, ela tirou só as estrelas, deixou Berço Sacerdotal, aí eu achei que ela tinha razão porque se tinha nessa época 30 estrela, mas mudou. Hoje são 42, quer dizer que tinha que modificar né? Ela tirou as estrelas. A

réplica, eu ia mostrar pra ela que a bandeira teria que ser aquela. (...) Mas ela não, ela, ela fez certo, eu tinha gostado porque o principal não foi tirado (informação verbal)¹⁸.

Por isto este discurso parte de uma dada realidade vivenciada por Maria Joaquina e como prática social se produz em prol das relações de poder/saber.

Já a experiência de vida de Dedé de Capitão evidencia a atuação do músico, que além do interesse pela música instrumental, existia toda uma rede de relações que possibilitava a entrada do indivíduo na Banda de Música Jesus Maria e José. Desde o princípio percebe-se a questão financeira estava mesmo que implícito foi o ponto chave para os quatro músicos cearenses incentivarem ao pároco Padre Costa criar uma banda de música para a Igreja local. Algo que o pároco sucessor Antônio Anacleto deu continuidade de apoio ao músico. E que nos anos 70, músicos e banda livram-se do domínio da Igreja Jesus Maria José.

A realização deste estudo proporcionou uma compreensão das representações discursivas sobre a imagem que se construiu referente à Uiraúna vista como “Terra dos Sacerdotes e dos Músicos”, a partir das leituras: teórico-metodológica e empírica em relação ao objeto de estudo e a posição da pesquisadora. Este estudo não pretendeu legitimar nenhum discurso e nenhuma forma de representação, mas objetivou tecer uma possível leitura daquilo que se diz e que se pensa da cidade de Uiraúna como *locus* do sacerdócio e da música. Tendo em vista que esta discussão venha possibilitar outras leituras e releitura sobre a cidade de Uiraúna, outros questionamentos e, que seja o suporte para aprofundar o debate acadêmico sobre esta temática e referente a história local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROSTEGUI, Júlio. História e historiografia: os fundamentos. In.: *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: Educ, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Org. Nogueira. & Cantani. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CABRAL FILHO, Severino. *A cidade revelada: Campina Grande entre imagens e história*. Campina Grande, UFCG, 2009.

CALVINO, ÍTALO. *As cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainarde. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁸ Maria Joaquina Vieira, 2011. Entrevista original e transcrição. Arquivo pessoal, Maria dos Remédios da Silva.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In.: *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 12ª. Ed. RJ: Vozes, 1994.

_____. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. *Minidicionário Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed.- Rio de Janeiro: nova Fronteira, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. Ed.- SP: Loyola, 1999.

_____. *A Arqueologia do Saber*. 1960.

GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. 3. ed.: Editora FCG/Lisboa.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In.: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JUNIOR GOODWIN, James Willian. *Cidades de Papel: imprensa, progresso e tradição. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1984-1914)*. Tese de doutorado, 2007, (pp. 26-27). Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História.

LE GOFF. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Henrique Espada. Com ilpocofareti assai: a microhistória de Carlo Ginzburg. In.: *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: como fazer, como pensar*/José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. __ São Paulo: Contexto, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas, SP: 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Pedra e o Sonho: os caminhos do imaginário urbano”. In: *O imaginário da cidade: visões libertárias do urbano — Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

REIS, José Carlos. História da história: civilização ocidental e sentido histórico. In.: *Teoria e história: historicismo, modernidade, tempo-realidade e verdade*. José Carlos Reis. – 3. Ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ROLNIK, R. História Urbana, história da cidade? In: FERNANDES, A e GOMES, M. A. A. de F (org.). *Cidade e História*. FAU- UFBA, 1999.

WAZLAWICH, Patrícia. Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia. *Revista Ciências/FAP*, Curitiba, v.1, jan./dez. 2006, p. 1-13. Disponível em: <<http://ebookbrouse.com/patricia-wazlawick.pdf-d60332271>>. Acesso em: 01. 06. 2011.

KEBACH, Patrícia Fernandes Carmem. Desenvolvimento musical: questão de herança genética ou de construção: *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 17, p. 39 – 48, set. 2007. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br/revista>>. Acesso em: 01. 06. 2011.

FONTE:

- INFORMATIVO: *Com o povo rumo ao novo*. Uiraúna, dez. 1993.
- LIVRO 01 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1955-1957.
- LIVRO 02 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1957-1959.
- LIVRO 03 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1959-1960.
- LIVRO 04 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1960- 1963.
- LIVRO 05 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1963- 1964.
- LIVRO 06 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1964- 1965.
- LIVRO 07 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1965- 1967.
- LIVRO 08 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1967- 1968.
- LIVRO 09 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1969-1972.
- LIVRO 10 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1972-1974.
- LIVRO 11 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, Uiraúna (PB), 1974- 1979.
- LIVRO 12 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1979- 1983.
- LIVRO 13 – Câmara Legislativa: Casa Olinto Pinheiro, 1983- 1987.
- LIVRO DE TOMBO 01 – Diocese de Cajazeiras, PB, 1923- 1984.
- LIVRO DE TOMBO 02. Paróquia Sagrada Família, 1970-1984.
- REVISTA FELC. *Fé move Uiraúna*. 2. ed. mar. 2008.
- REVISTA UIRAÚNA 50 anos. *A melodia nos caminhos da fé*. 01 ed. dez. 2003.
- REVISTA UIRAÚNA. *51 anos de emancipação política*. 2 ed. dez. de 2004.
- REVISTA UIRAÚNA. *A importância do passado ecoando no presente*. 3 ed. dez. 2005.